

O peso da nova classe média

(Fábio Campos)

Os números do Datafolha, que apontaram empate nas intenções de voto entre Dilma Roussef (PT) e José Serra (PSDB), sugerem que são significativas as chances da candidata petista avançar sobre os dois principais concorrentes. É inegável o peso que o presidente Lula ainda pode exercer sobre a decisão do eleitorado. Temos um presidente com popularidade expressiva liderando um País cuja economia jogou um imenso patamar da população em um nível social superior. Vejam o trecho dessa reportagem veiculada ontem pelo G1: ``Pela primeira vez na história, a classe média brasileira chega a uma eleição como maioria no país. São 31,2 milhões de brasileiros que escalaram a pirâmide social desde 2002, engrossando as fileiras da chamada classe C. Miolo da sociedade, a classe média representa hoje 53,6% da população brasileira, ou 103 milhões de pessoas. São famílias que recebem de R\$ 1.115 a R\$ 4.807 por mês, segundo cálculos do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV)``. Para o cientista político Marcos Figueiredo, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), ``essa nova classe média é eleitora do Lula, porque se beneficiou de três elementos-chave: aumento real do salário mínimo e da massa salarial e expansão do emprego com carteira``. SEM OPOSIÇÃO CLÁSSICA Atendem que foram os resultados obtidos na economia que levaram à eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1994 e 1998. Na primeira, o eleitor votou no candidato que foi a referência do plano econômico que estabilizou a economia e controlou a inflação. Na segunda eleição, diante de Lula, um candidato que para a maioria dos eleitores ainda ameaçava a estabilidade, os eleitores optaram por manter FHC. Em 2002, os resultados da economia passaram a impor mudanças na política. Lula percebeu isso, renovou o discurso, chamou um respeitado empresário para ser seu vice e assinou a Carta aos Brasileiros, que se firmava na manutenção dos propósitos da economia de mercado e na estabilidade da moeda com controle da inflação. Nesse ponto, prometeu e cumpriu. Os resultados desse comportamento, aliado a um ciclo econômico favorável, fizeram com que milhões subissem na escadaria da pirâmide social. É por isso que as comparações com o que ocorreu no Chile não cabem no caso brasileiro. Lá, o poder ficou nas mãos de uma mesma aliança por 20 anos. Deu-se a ``fadiga`` política e o clima de mudança se fez valer. A oposição venceu. No Brasil, não há nenhum sintoma de ``fadiga`` ou de necessidade de mudança política. Não é à toa que José Serra apregoa um discurso que está longe de caracterizar uma ideia clássica de oposição. O TERCEIRO MANDATO O presidente Lula ainda não entrou na campanha pra valer. Mas, não há dúvidas que o fará. E talvez o faça licenciando-se do cargo. Há muitos anos consultor de tucanos e democratas, o pernambucano Antônio Lavareda chama a atenção para o efeito Lula na disputa. Vejam: ``Como já tive a oportunidade dizer em outras circunstâncias, na verdade, o que está por trás da intenção de voto da Dilma, o que está em questão, é o terceiro mandato do Lula. A Dilma está avançando no eleitorado de terceiro mandato de Lula. A parcela da opinião pública que gostaria de votar no Lula varia entre 60% e 75% A Dilma já realizou até agora um pouco menos de 70% desse público. Quer dizer, realizou na intenção de voto no segundo turno. No primeiro turno, ela só realizou 55% desse eleitorado. Então, resta ver se ao longo da campanha ela vai conseguir capitalizar toda essa parcela do eleitorado que gostaria de um terceiro mandato do presidente Lula. Ou se não vai conseguir isso. A eleição de 2010 vai se resolver em torno dessa questão: se os eleitores que gostariam de votar num terceiro mandato votarão ou não na Dilma Rousseff. Se 80% desses eleitores aderirem a Dilma, ela ganha a eleição (Terra Magazine)``. PERFIL TECNOCRATA O problema da oposição é conseguir encaixar um discurso capaz de desviar o processo eleitoral do caminho traçado pelo presidente Lula. Não há muitas brechas. Até a crítica que se pode fazer ao PT, com seus descaminhos éticos, não é conveniente para combater Dilma Rousseff, uma petista que pouco encarna o histórico petista. Dilma ganhou projeção no Governo justamente no momento em que os principais quadros do partido foram flagrados mergulhando na lama. Guindada à condição de gerente do Governo, Dilma deu a Lula uma condução praticamente sem crises. Ao contrário de seu antecessor, José Dirceu, a mineira concedeu à gestão um componente mais tecnocrata. Atendem que o Governo Lula mudou seu perfil com a saída de Dirceu, epicentro da instabilidade no primeiro mandato, e a entrada de Dilma. É evidente que a disputa está aberta e a dinâmica que marca os processos eleitorais pode concretizar grandes surpresas. A ex-ministra continua uma incógnita. Não se sabe bem, por exemplo, como será seu desempenho em momentos importantes como as entrevistas e os debates.